

CONSTRUÇÃO E AVALIAÇÃO DA EFICÁCIA DE UMA INTERVENÇÃO ANTIRRACISTA PAUTADA NO ENSINO DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

Arlene Ferreira de Almeida¹; <https://orcid.org/0000-0001-9767-8843>

Tiago Jessé Souza de Lima²; <https://orcid.org/0000-0001-8840-4285>

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi construir e avaliar a eficácia de uma intervenção baseada no ensino da cultura africana e afro-brasileira no fortalecimento da identidade social e da autoestima em crianças negras e na conscientização sobre o racismo em crianças brancas e negras. A intervenção foi baseada no *Currículo em Movimento* do Distrito Federal, que inclui conteúdos relacionados à história e à cultura negra. As intervenções antirracistas são importantes para o processo educacional brasileiro, mas ainda é um tema pouco estudado e desenvolvido no Brasil. Pensar em intervenções que possam ser replicadas nas escolas é um grande passo para melhorar a qualidade de vida dos estudantes negros e combater o racismo no Brasil. Os objetivos específicos incluíram a construção de uma intervenção multicultural baseada no ensino da cultura africana e afro-brasileira, a avaliação do efeito da intervenção na identificação racial e autoestima em crianças negras e avaliação do efeito da intervenção na percepção do preconceito racial em crianças brancas e negras. O estudo envolveu 53 estudantes matriculados em duas turmas do quinto ano em uma escola no Distrito Federal. Os resultados não mostraram diferenças significativas entre o grupo que recebeu a intervenção e o grupo controle, mesmo levando em consideração a cor da pele dos participantes. No entanto, o número reduzido de participantes limita o poder de encontrar resultados significativos e deve-se ter cautela ao interpretar os resultados.

Palavras-chave: Intervenção; Cultura africana; Identidade Social; Autoestima; Racismo.

Construction and Evaluation of the Effectiveness of an Anti-Racist Intervention Based on Teaching African and Afro-Brazilian Culture

Abstract

The objective of this article is to construct and evaluate the effectiveness of an intervention based on teaching African and Afro-Brazilian culture in increasing social identity and self-esteem in black children, and in raising awareness about racism in both white and black children. The intervention is based on the Curriculum in Movement of the Federal District, which includes content related to black history and culture. Antiracist interventions are extremely important for the Brazilian educational process, but unfortunately, they are still a little studied and developed topic in Brazil. Thinking about interventions that can be replicated in schools is a big step towards a better quality of life for black students and towards combating racism in Brazil. The specific objectives include building a multicultural intervention based on teaching African and Afro-Brazilian culture, evaluating the effect of the intervention on racial identification and self-esteem in black children, and evaluating the effect of the intervention on the perception of racial prejudice in both white and black children. The study involved 53 students enrolled in two fifth-grade classes in a school in the Federal District. The results showed no significant differences between the group that received the intervention and the control group, even when taking into account the participants' skin color. However, the small number of participants in the study reduces the power to find a significant result, and caution should be taken when interpreting the results.

Keywords: Intervention; African Culture; Social Identity; Self-esteem; Racism.

1 Universidade de Brasília – UnB – Brasília – DF – Brasil; arlenealmeidapsi@gmail.com

2 Universidade de Brasília – UnB – Brasília – DF – Brasil; tiago.lima@unb.br

Construcción y evaluación de la eficacia de una intervención antirracista basada en la enseñanza de la cultura africana y afrobrasileña

Resumen

El objetivo de esta investigación fue desarrollar y evaluar la eficacia de una intervención basada en la enseñanza de la cultura africana y afrobrasileña para fortalecer la identidad social y la autoestima en niños negros, así como para concienciar sobre el racismo en niños blancos y negros. La intervención se basó en el Currículo en Movimiento del Distrito Federal, que incluye contenidos relacionados con la historia y la cultura negra. Las intervenciones antirracistas son de suma importancia para el proceso educativo en Brasil, pero aún son un tema poco estudiado y desarrollado en el país. Considerar intervenciones que puedan replicarse en las escuelas es un gran paso para mejorar la calidad de vida de los estudiantes negros y combatir el racismo en Brasil. Los objetivos específicos incluyeron la creación de una intervención multicultural basada en la enseñanza de la cultura africana y afrobrasileña, evaluar el impacto de la intervención en la identificación racial y la autoestima en niños negros, y evaluar el efecto de la intervención en la percepción del prejuicio racial en niños blancos y negros. El estudio involucró a 53 estudiantes inscritos en dos clases de quinto grado en una escuela en el Distrito Federal. Los resultados no mostraron diferencias significativas entre el grupo que recibió la intervención y el grupo de control, incluso teniendo en cuenta el color de piel de los participantes. Sin embargo, el número limitado de participantes reduce la capacidad de encontrar resultados significativos, por lo que se debe tener precaución al interpretar los hallazgos.

Palabras clave: Intervención; Cultura Africana; Identidad Social; Autoestima; Racismo.

Introdução

Na escola, o racismo impõe aos alunos negros uma trajetória mais difícil do que a imposta ao alunado branco. Os dados coletados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), em 2013, mostram que as taxas de analfabetismo no Brasil se dão mais na população negra e o número líquido de presença dessa população em escolas brasileiras é menor do que a de brancos, diferença que repercute em todos os níveis de ensino (infantil, fundamental, médio e superior) e cresce a cada uma dessas etapas (Moreira-Primo & França, 2020).

Como um vírus mutante, o racismo evoluiu para novas formas mais sutis que são não apenas mais difíceis de reconhecer, mas também de combater e que, por esses motivos, pode apresentar graves consequências sociais para as pessoas negras (Dovidio & Gaertner, 2004). Ainda segundo esses autores, as novas formas de expressão do racismo são qualitativamente diferentes do flagrante, “antiquado”, sendo mais indireto e sutil. Nas novas formas de racismo, os racistas simpatizam com as vítimas de injustiças passadas, apoiam o princípio da igualdade racial e consideram-se como não preconceituosos, mas, ao mesmo tempo, possuem crenças e sentimentos negativos sobre as pessoas negras, que podem ser não-conscientes.

A manifestação discriminatória dentro do processo educativo tem gerado uma série de ações físicas e simbólicas que acarreta sofrimento no cotidiano dos alunos, principalmente dos negros. Observa-se a baixa autoestima dos alunos negros que recebem apelidos inferiorizados e que muitas vezes são reprovados ou até mesmo desistem das aulas e podem acabar se inserindo na marginalidade dos dias atuais (Macedo, 2016). Tal cenário demonstra a importância de combater o discurso de que não é da competência da escola discutir questões ligadas à formação humana, incluindo nelas as questões raciais; pelo contrário, o tema precisa estar presente desde a formação de professores (Carvalho & França, 2019).

A construção da identidade negra positiva em meio ao cotidiano da sala de aula se torna um processo complexo e até mesmo solitário, no qual os alunos negros buscam representações que resistam à imagem estereotipada e preconceituosa que lhes é atribuída e, assim, a construção dessa identidade negra pode não acontecer (Mizae & Gonçalves, 2015). Esse contexto marca a necessidade do desenvolvimento de atividades pedagógicas intencionais que tratem das relações raciais no sentido de desconstruir os estereótipos e a discriminação racial. Para isso, além de uma formação docente na perspectiva das relações raciais, faz-se

necessária a produção/utilização de material didático que aborde a temática numa perspectiva decolonizante e antirracista.

Enfrentar o racismo implica não tolerar e prevenir atitudes discriminatórias e preconceituosas, considerando que reeducar as pessoas sobre as relações étnico-raciais é uma responsabilidade social, na qual a escola e a educação têm sua parcela de colaboração e, esse processo, para ser realmente efetivo, depende de uma transformação mais profunda na forma como são pensadas as questões raciais e deve compreender todas as instituições sociais (Carvalho, 2020). A crença de que no Brasil não há racismo subsidia discursos, posturas e comportamentos que tendem a dificultar as discussões sobre raça e racismo (Castro & Abramovay, 2006). As questões que envolvem as pessoas negras na escola, como a valorização e o respeito à sua cultura, a diversidade e a representatividade nos livros didáticos, o respeito e a não tolerância a práticas racistas na escola, se negligenciadas, podem contribuir, além do sofrimento dos alunos negros, para o aumento da exclusão em outros espaços sociais (Carvalho, 2020).

As escolas são locais-chave para a entrega de programas de base populacional para reduzir o racismo e promover ações proativas de espectadores, não apenas porque eles têm populações “cativas”, mas porque eles são poderosas fontes de influência sobre o racismo e as respostas a ele em vários níveis (Priest & Cols., 2020). Os educadores precisam ter o conhecimento e o discernimento no que se refere aos mecanismos da dominação cultural, econômica, social e política, de toda história do nosso país, ampliando os nossos conhecimentos antropológicos, além de práticas voltadas contra as diferenças de raças e de preconceitos raciais e desumanas que acontecem na sociedade (Macedo, 2016).

O fato de os professores estarem despreparados quanto à compreensão dos processos históricos e políticos subjacentes à criação e perpetuação de desigualdades entre os grupos, os coloca em situação de suscetibilidade para o preconceito, pois estes podem aceitar acriticamente as crenças difundidas sobre as pessoas negras na sociedade, como a de que o Brasil é uma nação racialmente democrática (França, 2017). Construir um currículo multicultural é respeitar as diferenças raciais, culturais, étnicas, de gêneros e outras. Pensar num currículo multicultural é opor-se ao etnocentrismo e preservar valores básicos de nossa sociedade (Macedo, 2016).

A Lei nº 10.639/2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica, foi editada no início do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 9 de janeiro de 2003, e seguida pela publicação das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”, em outubro de 2004 (Pereira, 2008). O ensino antirracista envolve discussões sobre discriminação e as desigualdades raciais do passado e atuais, apontando as forças que mantêm o racismo. Isto pode aumentar a empatia e desencorajar futuros comportamentos racistas. Além da educação antirracista, outra abordagem que se mostrou efetiva na diminuição do preconceito e que pode ser utilizada pela educação é a abordagem multicultural. Esta se direciona para o desenvolvimento de habilidades voltadas para o respeito, a tolerância e a inclusão de aspectos como raça e gênero (Carvalho, 2020).

Considerando a importância de estudos que relacionam as temáticas racismo e escola e as contribuições sociais que os resultados desses estudos podem gerar, a produção científica brasileira sobre esse tema ainda é tímida. Em revisão sistemática da literatura sobre racismo no contexto escolar, Carvalho e França (2019) encontraram 34 artigos que diziam respeito ao racismo e estavam relacionados à escola ou à educação. Ao se refinar a pesquisa para selecionar os artigos que trouxessem uma proposta de combate ao racismo voltado para essa temática, esse número caiu para 20 artigos, número considerado pequeno, tendo em vista que não foi delimitado um recorte temporal para a busca dos artigos. Nesse contexto, a avaliação da eficácia de estratégias para redução do racismo e de programas pró-diversidade são ainda mais escassas na literatura (Grigg & Manderson, 2014). Com base nessa lacuna, esta pesquisa teve por objetivo geral construir e avaliar a eficácia de uma intervenção pautada no ensino da cultura africana e afro-brasileira no fortalecimento da identidade social e da autoestima em crianças negras e na conscientização sobre o racismo em crianças brancas e negras.

Método

Participantes

Contou-se com a participação de 53 estudantes matriculados em duas turmas do quinto ano do Ensino Fundamental em uma instituição pública de ensino

do Distrito Federal. As turmas foram disponibilizadas por conveniência pela instituição de ensino na qual a pesquisa foi realizada. Todos os participantes se encaixaram nos critérios de inclusão definidos *a priori*: ser estudante matriculado no quinto ano do ensino fundamental e ter entre 9 e 13 anos de idade. Os estudantes informaram idades variando entre 10 e 12 anos ($M = 10,6$; $DP = 0,6$), sendo a maioria do gênero feminino (50,9%). Em relação à cor da pele, os estudantes foram heteroidentificados por quatro pesquisadores de forma independente, sendo analisado posteriormente o consenso entre os pesquisadores: 55,6% foram identificados como pardos/negros e 44,4% como brancos. Os participantes foram alocados em duas condições em um delineamento experimental entre sujeitos com pré e pós-teste, sendo que uma das turmas (selecionada por sorteio) recebeu a intervenção (grupo experimental) e a segunda turma foi alocada como grupo controle. O grupo experimental foi composto por 29 participantes com idades variando entre 10 e 11 anos ($M = 10,5$; $DP = 0,5$), sendo a maioria do gênero feminino (55,2%), e heteroidentificados como pardos/negros (65,5%). O grupo controle foi composto por 24 participantes com idades variando entre 10 e 12 anos ($M = 10,6$; $DP = 0,7$), sendo a maioria do gênero masculino (54,2%) e heteroidentificados como brancos (56%).

Instrumentos

Instrumentos utilizados

Escala de Percepção de Racismo e Identidade Racial.

Foram utilizados quatro itens para mensurar a percepção de racismo (*e.g.*: Na escola é comum alunos negros serem chamados por apelidos que tenham relação com sua cor; Na escola eu já presenciei situações em que alunos negros eram alvos de chacota devido a sua cor). Esses itens apresentaram *alfa de Cronbach* igual a 0,63 no pré-teste e 0,60 no pós-teste. Para mensurar a Identidade Racial foram empregados quatro itens (*e.g.*: Acredito que se minha pele fosse mais clara minha vida na escola seria mais fácil. Acredito que os cabelos loiros e lisos são os mais bonitos). Esses itens apresentaram *alfa de Cronbach* igual a 0,70 no pré-teste e 0,65 no pós-teste.

Escala de Autoestima de Rosenberg – EAR (Rosenberg, 1965). Adaptada para o Brasil por Sbicigo et al. (2010) para mensurar a autoestima em crianças, adolescentes e adultos, é composta por dez itens

respondidos em uma escala que varia de 1 (discordo muito) a 5 (concordo muito). A escala apresentou *alfa de Cronbach* de 0,82 no pré-teste e de 0,90 no pós-teste.

Foi também utilizado um questionário socio-demográfico para coletar informações sobre idade, gênero e autoidentificação racial das crianças. Ademais, em relação à cor da pele, os estudantes foram heteroidentificados como brancos ou pardos/negros por quatro pesquisadores de forma independente, sendo analisado posteriormente o consenso entre os pesquisadores.

Procedimento de construção da intervenção e coleta dos dados

Para ter acesso aos participantes da pesquisa, foi realizado contato com a Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação do Distrito Federal, com o envio da ficha de autorização de pesquisa, projeto de pesquisa e carta do orientador assinada, que retornou com o memorando de autorização. Entrou-se em contato com a instituição de ensino mediante uma Carta de Anuência, que concordou prontamente a colaborar com a pesquisa. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Brasília, registrada sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética - CAAE: 58677622.3.0000.5540. Após a aprovação foi realizado o contato com a escola para a realização da etapa do pré-teste e da intervenção. A escola disponibilizou duas turmas regulares para participação na pesquisa. O contato inicial com os estudantes foi feito nas salas de aula, na qual a pesquisadora se apresentou e os convidou a participar, solicitando que estes entregassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para seus responsáveis, segundo recomenda a Resolução 466/12 e a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Ademais, os estudantes tiveram acesso ao Termo de Assentimento, que foi assinado por eles.

Durante a intervenção, contou-se com dois grupos, sendo um deles o grupo controle, para servir como base de comparação para o grupo que recebeu a intervenção. A intervenção foi conduzida em oito encontros, sendo dois por semana, com duração de uma hora e meia cada. O primeiro e o oitavo encontros foram destinados à aplicação dos instrumentos. Os outros seis encontros consistiram na aplicação da intervenção. A intervenção foi conduzida por uma

pesquisadora com formação em Pedagogia e Psicologia, que contribuiu para avaliar o caráter didático das intervenções planejadas, e por quatro estudantes, sendo três do curso de psicologia e uma do curso de pedagogia. Os dados coletados foram posteriormente tratados de forma agrupada e sem a possibilidade de identificação individual dos participantes.

Intervenção

Para a construção da intervenção, foram realizadas reuniões semanais da equipe para definição do arcabouço teórico, dos objetivos a serem alcançados com a intervenção e das atividades a serem desenvolvidas nos encontros e que permitissem o alcance dos objetivos. Ademais, as atividades foram planejadas para estarem alinhadas ao Currículo em Movimento do Distrito Federal (Governo do Distrito Federal, 2018), que abarca aspectos das relações raciais. A equipe contou com a participação de um doutor em Psicologia Social, de uma especialista em Pedagogia, e de três extensionistas graduandos do curso de Psicologia. As atividades delineadas para a intervenção passaram por um pré-teste, através da realização de um grupo focal com 3 professores que atuam com estudantes do quinto ano do ensino fundamental em escolas públicas. Os professores foram convidados a avaliar os aspectos pedagógicos e a adequação das atividades para a faixa etária alvo. Observações valiosas foram dadas pelos docentes que contribuíram para o aprimoramento do caráter dinâmico e didático das atividades da intervenção.

Os encontros da intervenção aconteceram em uma sala multimídia, com uso de materiais físicos (materiais impressos, livros e atividades artesanais) e de recursos multimídia, como slides projetados, vídeos e músicas. A intervenção tinha como objetivo promover o fortalecimento da identidade social das crianças negras e a maior conscientização sobre o preconceito racial em crianças brancas e negras através de atividades pautadas no ensino da cultura africana e afro-brasileira. As atividades foram planejadas com base na Educação Multicultural (Canen, 2000) e a Teoria do Contato (Allport, 1954). Cada pesquisador ficou responsável por auxiliar um grupo de aproximadamente sete estudantes, para que todos tivessem oportunidade de debater e tirar suas dúvidas e adicionar comentários facilmente.

As atividades foram planejadas para estarem de acordo com o Currículo em Movimento do Distrito Federal (Governo do Distrito Federal, 2018) para anos iniciais do ensino fundamental, especificamente para o quinto ano. Todos têm como base de seus conteúdos a valorização do patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se as matrizes africanas de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas, assim como o combate ao racismo e à discriminação de todos os tipos de preconceitos.

Análise dos dados

Para a análise dos dados, foram realizadas Análises de Variância Fatoriais (ANOVA Fatorial) para avaliar se há diferenças significativas entre os escores dos participantes na pré e na pós-intervenção em relação às variáveis identidade racial, autoestima e preconceito racial, em função do grupo (intervenção *versus* controle) e da hetero identificação racial (brancos x não-brancos). Foram também realizados testes não-paramétricos de Kruskal-Wallis para comparação entre os quatro grupos do delineamento fatorial 2 (intervenção *versus* controle) x 2 (brancos x pardos e negros). Nas análises, os escores das variáveis dependentes retratam a diferença média dos escores entre os dados coletados na pós e na pré-intervenção (Escore pós-intervenção subtraído do escore pré-intervenção). Valores positivos indicam que os escores médios na pós-intervenção foram maiores do que os observados na coleta pré-intervenção. Valores negativos indicam que os escores médios na pós-intervenção foram menores do que os observados na coleta pré-intervenção.

Resultados

Para a variável critério Identificação Racial, uma ANOVA fatorial 2 x 2 apontou que os efeitos principais da Intervenção, $F(1, 43) = 1,77, p = 0,19, \eta_p^2 = 0,04$, e da Hetero-Identificação, $F(1, 43) = 0,45, p = 0,50, \eta_p^2 = 0,01$, não foram significativos. Ao analisarmos o efeito de interação entre os dois fatores, também observamos que este não é significativo, $F(1, 43) = 1,06, p = 0,31, \eta_p^2 = 0,24$. As médias estimadas por condição são apresentadas na Tabela 1.

Cabe ressaltar que os escores de Identificação Racial retratam a diferença média dos escores entre os dados coletados na pós e na pré-intervenção.

Para a variável critério Percepção de Preconceito, uma ANOVA fatorial 2 x 2 apontou que os efeitos principais da Intervenção, $F(1, 43) = 0,07, p = 0,80, \eta_p^2 = 0,002$, e da Hetero-Identificação, $F(1, 43) = 0,27, p = 0,6, \eta_p^2 = 0,006$, não foram significativos. Ao analisarmos o efeito de interação entre os dois fatores, também observamos que este não é significativo, $F(1, 43) = 0,06, p = 0,81, \eta_p^2 = 0,001$. As médias estimadas por condição são apresentadas na Tabela 1. Os escores Percepção de Preconceito retratam a

diferença média dos escores entre os dados coletados na pós e na pré-intervenção

Para a variável critério Autoestima, uma ANOVA fatorial 2 x 2 apontou que os efeitos principais da Intervenção, $F(1, 43) = 0,006, p = 0,94, \eta_p^2 = 0,001$, e da Hetero-Identificação, $F(1, 43) = 0,93, p = 0,34, \eta_p^2 = 0,02$, não foram significativos. Ao analisarmos o efeito de interação entre os dois fatores, também observamos que este não é significativo, $F(1, 43) = 0,14, p = 0,71, \eta_p^2 = 0,003$. As médias estimadas por condição são apresentadas na Tabela 1. Os escores de Autoestima retratam a diferença média dos escores entre os dados coletados na pós e na pré-intervenção.

Tabela 1
Média e Desvio Padrão por condição experimental e hetero-identificação

Condição experimental	Hetero Identificação	Identidade Racial		Percepção de Preconceito		Autoestima	
		M	DP	M	DP	M	DP
Controle	Branco	0,31	0,54	0,33	0,90	-0,22	0,66
	Pardo/Negro	0,38	0,60	0,25	0,75	-0,08	0,50
	Total	0,33	0,55	0,30	0,83	-0,17	0,59
Experimental	Branco	0,25	0,65	0,48	1,21	-0,29	1,08
	Pardo/Negro	-0,07	0,68	0,25	0,96	0,03	0,80
	Total	0,04	0,67	0,33	1,04	-0,09	0,90
Total	Branco	0,28	0,57	0,39	1,02	-0,25	0,83
	Pardo/Negro	0,07	0,68	0,25	0,88	-0,01	0,70
	Total	0,17	0,63	0,32	0,94	-0,12	0,77

Nota: Os valores retratam a diferença média dos escores das variáveis entre os dados coletados no pós e no pré-intervenção. Valores positivos indicam que os escores médios no pós-intervenção foram maiores do que os observados na coleta pré-intervenção. Valores negativos indicam que os escores médios no pós-intervenção foram menores do que os observados na coleta pré-intervenção.

Em função do número reduzido de participantes por condição experimental, o que diminui a confiabilidade do resultado da análise paramétrica, na sequência foram realizados testes não-paramétricos para avaliar se havia diferenças entre os quatro grupos do delineamento fatorial 2 (intervenção *versus* controle) x 2 (brancos x pardos e negros). Os resultados apontam que

também não foram observadas diferenças significativas entre os grupos para as variáveis Identificação Racial, $H(3) = 6,14, p = 0,11$, Percepção de Preconceito, $H(3) = 0,14, p = 0,99$, e Autoestima, $H(3) = 1,41, p = 0,70$. Os resultados dos rankings médios para cada grupo são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2
Ranking médio por grupo e variável dependente

		N	Ranking médio
Identificação Racial	Controle/Branco	13	28.23
	Controle/NegroPardo	8	28.88
	Experimental/Branco	9	25.56
	Experimental/NegroPardo	17	17.65
Percepção de Preconceito	Controle/Branco	13	24.96
	Controle/NegroPardo	8	23.06
	Experimental/Branco	9	24.50
	Experimental/NegroPardo	17	23.44
Autoestima	Controle/Branco	13	20.77
	Controle/NegroPardo	8	23.25
	Experimental/Branco	9	22.33
	Experimental/NegroPardo	16	26.50

Fonte: Elaborada pelos próprios autores.

Discussão

A presente investigação teve como objetivo geral avaliar o efeito de uma estratégia de intervenção pautada no ensino da cultura africana e afro-brasileira no fortalecimento da identidade social das crianças negras e na conscientização do preconceito racial no contexto escolar. Inicialmente foram levantadas, na literatura nacional e internacional em Psicologia Social, evidências da eficácia de intervenções de redução de racismo e fortalecimento da identidade de crianças negras. Posteriormente foi elaborada uma intervenção pautada no ensino da cultura africana e afrobrasileira, com base no Currículo em Movimento do Distrito Federal (Distrito Federal, 2014).

Para avaliar o efeito da intervenção, pautada no ensino da cultura africana e afrobrasileira, no fortalecimento da identificação racial positiva e autoestima de crianças negras e na redução do preconceito racial em crianças brancas, foram coletados dados quantitativos. Os resultados indicaram que não houve diferenças significativas entre o grupo que recebeu a intervenção e o grupo controle, mesmo tendo em conta a cor da pele dos participantes. Esses resultados, embora não significativos, devem ser observados com cautela, dado o número reduzido de participantes da pesquisa, o que reduziu o poder desta pesquisa de encontrar um resultado significativo (Field, 2021).

O tamanho da amostra foi uma limitação para a testagem quantitativa, pois não foi possível obter

significância nos parâmetros testados. O contexto pandêmico no qual essa intervenção foi desenvolvida impossibilitou o alcance de uma amostra maior, pois os acessos às escolas e aos estudantes ficaram mais difíceis, sendo que houve diversas interrupções de aulas presenciais devido a casos de Covid-19. Outra limitação foi a adequação dos instrumentos de medidas explícitas utilizados na coleta de dados quantitativos e a forma como a aplicação dos instrumentos foi conduzida. Nesse sentido, é possível que a deseabilidade social e a norma antirracismo tenha afetado as respostas dadas pelos participantes aos questionários (Almiro, 2017; Silva, 2014).

A expressão do racismo, por ser antinormativa, pode levar a uma supressão da resposta em crianças que já internalizaram essa norma social. Estudos anteriores apontaram que crianças a partir dos 8 e 10 anos de idade apresentaram níveis baixos de preconceito racial comparativamente às crianças com 6 e 7 anos (SILVA, 2014). No entanto, o desenvolvimento das habilidades cognitivas por volta dos 8 anos, que possibilitam a compreensão das normas sociais, não impede as crianças de manifestarem o racismo de forma geral, mas apenas inibe a sua manifestação explícita. Medidas de natureza implícita podem trazer evidências complementares para a mensuração do racismo nessa faixa etária, podendo ser objeto de estudos futuros que procurem avaliar a eficácia de uma intervenção antirracista.

Referências

- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*.
- Almiro, P. A. (2017). Uma nota sobre a desejabilidade social e o enviesamento de respostas. *Avaliação psicológica*, 16(3), 0-0.
- Canen, A. (2000). Educação multicultural, identidade nacional e pluralidade cultural: tensões e implicações curriculares. *Cadernos de pesquisa*, 135-149.
- Abramovay, M., & Castro, M. G. (2006). *Caleidoscópio das violências nas escolas*. B-Oxfam.
- da Silva Carvalho, D. M., & de FRANÇA, D. X. (2019). Estratégias de enfrentamento do racismo na escola: uma revisão integrativa. *Revista Educação & Formação*, 4(3), 148-168.
- Carvalho, D. M. S. (2020). *A escola no enfrentamento ao racismo*. São Cristóvão-SE: Universidade Federal de Sergipe.
- Dovidio, JF, & Gaertner, SL (2004). *Samuel L. Aversive racism*.
- Field, A. (2013). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics*. Sage.
- de França, D. X. (2017). Discriminação de crianças negras na escola. *Revista Interações*, 13(45). Acesso em: 23 fev. 2023.
- Grigg, K., & Manderson, L. (2014). Building harmony: reducing and measuring racism in Australian schools. *Australian Commun Psychol*, 26(2), 68-89.
- de Miranda Macedo, A. M. R. (2016). O racismo no ambiente escolar: Como enfrentar esse desafio?. *Porto das Letras*, 2(1), 88-99.
- Mizael, N. C. de O; Gonçalves, L. R. D. (2015). Construção da identidade negra na sala de aula: passando por bruxa negra e de preto fudido a pretinho no poder. *Itinerarius Reflections-Revista Eletrônica da Pós-Graduação em Educação*, 11(2) 1-21.
- Moreira-Primo, U. S., & de França, D. X. (2020). Efeitos do racismo da trajetória escolar de crianças: uma revisão sistemática. *Debates em Educação*, 12(26), 176-198.
- Pereira, J. S. (2008). Reconhecendo ou construindo uma polaridade étnico-identitária? Desafios do ensino de história no imediato contexto pós-Lei nº 10.639. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, 21, 21-43.
- Priest, N., Alam, O., Truong, M., Sharples, R., Sharples, R., et al. (2020). Promoting proactive bystander responses to racism and racial discrimination in primary schools: A mixed methods feasibility and acceptability study of the 'Speak Out Against Racism' program. *BMC Public Health*, 20(1) 1-13. <https://doi.org/10.1186/s12889-020-09812-1>.
- Rosenberg, M. (1965). Rosenberg Self-Esteem Scale (RSE). *Acceptance and Commitment Therapy Measures Package*, 61 (52), 18.
- Sbicigo, J. B., Bandeira, D. R., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorial e consistência interna. *Psico-usf*, 15, 395-403.
- Silva, K. da C. (2014) Normas sociais e expressões do racismo em crianças. 2014. 168 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

Recebido em: 23 de fev. 2023.

Aprovado em: 15 de jul. 2024.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.